

# O TEMPO EM LACAN

---

Fabiola Menezes de Araújo

Fabiola Menezes  
de Araújo

Doutora em Teoria  
Psicanalítica pela  
UFRJ. Possui  
graduação em  
Filosofia pela Uerj  
(2005) e mestrado  
em Filosofia  
pela mesma  
Universidade  
(2007). Foi  
professora de  
filosofia do Estado  
do Rio de Janeiro e  
do Colégio Pedro II.

**RESUMO:** Para encaminhar de maneira adequada a reflexão de Jacques Lacan acerca do tempo faz-se necessário retornar a 1945, quando o psicanalista enuncia pela primeira vez o conceito de tempo lógico. A fim de identificar aquilo que no interior da elaboração lacaniana a respeito do tempo será decisivo para o debate acerca deste fenômeno, também se fazem necessárias considerações acerca da temporalidade da situação analítica como fomentada pelo futuro anterior, que, por sua vez, parte de uma releitura do processo de *Nachträglichkeit* proposto inicialmente por Freud.

**Palavras-chave:** Tempo lógico, *Nachträglichkeit*, futuro anterior.

**ABSTRACT:** The time in Lacan. To comment on the conception of time in Jacques Lacan it is necessary to go back to 1945 when the psychoanalyst enunciated for the first time the concept of logical time. In order to identify what is crucial to the debate about this phenomenon in the Lacanian elaboration on time, it is necessary to consider the temporality of the analytic situation as marked by the future perfect, which has, in turn, its origin in the process of *Nachträglichkeit*, initially proposed by Freud.

**Keywords:** Logical time, *Nachträglichkeit*, future perfect.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982016000100007>

*A análise não pode ter outra meta que o advento de uma palavra verdadeira e a realização por seu sujeito de sua história em sua relação com o futuro.*  
(LACAN, 1953-1954/1986, p.290)

## **PREMISSA**

O presente artigo parte da intenção de circunscrever como acontece o tempo na ótica de Jacques Lacan. A perspectiva do psicanalista francês se funda em grande parte nas considerações de Sigmund Freud acerca do processo de *Nachträglich*, isto é, da consideração de que há uma temporalidade específica à anamnese analítica que, por sua vez, se realizaria a partir da irrupção do traumático. A premissa fundamental que guia nosso trabalho é, pois, a seguinte: a noção de que a temporalidade, tal como concebida por Lacan, seria devedora das considerações freudianas acerca da irrupção do traumático, mas essa noção tal como concebida pelo psicanalista francês superaria, em parte, esse tópico do legado freudiano na medida em que proporia trazer a temporalidade como fruto de justaposições e interseções entre cadeias significantes. Tais interseções, enquanto fruto de ordenações simbólicas, seriam responsáveis por criar “retroativamente o passado” em “direção ao porvir”. Essa proposição justifica a necessidade de nos atermos à especificidade do que apresenta Lacan acerca da temporalidade em sua obra.

## **O SOFISMA QUE DÁ NASCIMENTO AO CONCEITO DE TEMPO LÓGICO**

A perspectiva de que a verdade venha a ser descoberta a partir do desdobramento do processo analítico tem como um dos principais fios condutores o conceito de tempo lógico. O primeiro texto de Lacan publicado depois da Segunda Guerra Mundial se dedica a pensar este conceito. A reflexão lacaniana acerca do tempo leva em conta o desdobramento de cadeias significantes que se revelam a cada vez, isto é, que se revelam de modo circunstancial. Para esclarecer o modo como concebe o fenômeno em questão, o psicanalista faz uso do seguinte sofisma:

“O diretor de uma prisão reúne três prisioneiros e promete a liberdade àquele que descobrir a cor do disco que pregou às costas de cada um, cada disco sendo escolhido dentre três (discos) brancos e dois (discos) pretos. Os prisioneiros não têm meios de comunicar uns aos outros os resultados de suas inspeções, nem de alcançar com a vista o círculo pregado às próprias costas. Depois de se terem observado por um tempo, os três prisioneiros se dirigem juntos para a saída e cada um, separadamente, conclui que é (tem nas costas o disco) branco, o que é realmente o caso, dizendo a mesma coisa: ‘Dado que meus companheiros eram (tinham nas costas discos) brancos, pensei que, se eu fosse preto, cada um deles poderia inferir

disso o seguinte: ‘Se eu também fosse preto, o outro, devendo reconhecer imediatamente ser branco, teria saído imediatamente, portanto não sou preto’. E ambos teriam saído juntos, convencidos de serem brancos. Se não faziam nada, é porque eu era um branco como eles. Diante disso, encaminhei-me para a porta, para dar conhecer a minha conclusão.’ (PORGE, 1989, p.23)

O intuito de Lacan com esse sofisma seria causar a repetição e a reprodução do tempo explicitado pelo próprio sofisma. Para solucionar o sofisma, cada leitor tem de se colocar na perspectiva dos prisioneiros e considerar as seguintes regras colocadas *a priori*: não ver a cor do próprio disco e ter que descobrir essa cor a partir da cor dos outros dois discos, que podem ser vistos. A utilização de um sofisma tem a propriedade de trazer o tempo como um fenômeno circunstancial, fruto de uma situação em que os envolvidos têm um caráter ficcional, pois são personagens de uma narrativa. Quer-se destacar, com isso, que o tempo se realiza a partir das considerações lógicas que têm lugar em cada circunstância, que, por sua vez, se realiza a partir do modo como as cadeias narrativas se inter-relacionam. Umberto Eco (1968), no livro *A estrutura ausente* apresenta uma solução possível para o referido sofisma, transcrita a seguir:

“Quando B e C param, então A tem certeza de estar com o disco branco. Se estivesse com o preto, o raciocínio de B e C não teria sido invalidado pela sua parada, e eles teriam prosseguido sem hesitação; mas como se detiveram, é sinal de que ambos estão na mesma situação que ele, isto é, veem nas costas alheias dois discos brancos. A, portanto, sai, e B e C saem com ele porque chegaram às mesmas conclusões.” (ECO, 1968, p.325/326)

Na leitura de Eco, o prisioneiro A, para solucionar a charada deve perpassar as cadeias narrativas em que também se situam os demais prisioneiros. Há a consideração de que o tempo lógico se realiza a partir de momentos de sincronia e de diacronia — esses termos compreendem a especificidade do tempo lógico enquanto um momento de sujeitamento em cadeias significantes, e isso no seguinte sentido: o ‘instante do ver’, por exemplo, de “quando B e C param” compreenderia a realização de uma sincronia, o ‘tempo para compreender’, por exemplo, de quando B e C “se detiveram” compreenderia uma diacronia, e o ‘momento de concluir’, por exemplo, em que “B e C chegaram às mesmas conclusões que A” compreenderia tanto uma sincronia quanto uma diacronia, e isso simultaneamente.

Esclareçamos do que se trata: no instante do ver — em que cada prisioneiro vê a cor dos discos nas costas dos demais companheiros — realiza-se uma sincronia na medida em que todos os demais prisioneiros compreendem-se

reciprocamente: caso estivessem em face de dois discos pretos, cada um compreenderia a si mesmo como ‘um branco’. Conclui-se não ser ‘branco’, e é essa uma certeza antecipada por todos, de maneira sincrônica. Não se trata, no entanto, de simultaneidade, como frisa Porge, “simultaneidade, cuja etimologia é *símiles* (semelhante), evoca mais uma coincidência espacial, geométrica, que a sincronia (cuja raiz grega significa ‘com o tempo’), cujas conotações são mais dinâmicas e temporais” (PORGE, 1989, p.80). Se não se trata de uma simultaneidade ‘espacial’, mas de uma asserção antecipada “com o mesmo tempo”, é porque se trata de uma asserção que não é capaz de distinguir a cor, a singularidade, do próprio disco colado às costas, mas apenas a cor que não se é, e isso a partir do movimento de ‘parada’ dos demais prisioneiros — a partir do momento em que os outros ‘dois brancos’ são vistos, somos levados a um segundo tempo: o tempo do compreender.

Esse segundo tempo comporta uma duração maior, pois é a partir de uma hipótese, de início duvidosa, e que envolve a precipitação dos demais prisioneiros, acerca de se ser preto, que cada prisioneiro pode se voltar para si mesmo: “se eu fosse um preto, os dois brancos que eu vejo não tardariam a se reconhecer reciprocamente como brancos” (PORGE, 1989, p.72). Por fim, uma diacronia se dá quando é a partir de um raciocínio lógico, atribuído a dois sujeitos indefinidos, que se segue à seguinte suspensão: se alguém fosse preto, outro haveria de já ter-se decidido como branco. Porge ainda pondera que cada acontecimento seria suportado por um sujeito diferente: o momento do acontecimento sincrônico seria suportado pelo sujeito ‘impessoal’, o momento diacrônico pelo sujeito ‘indefinido recíproco’ e o último momento pelo sujeito da ‘asserção sobre si mesmo’ (idem). É desse raciocínio, atribuído também aos dois outros prisioneiros, que o sujeito compreende a falsidade de sua hipótese, de ser preto, e se apressa em concluir por ser também branco. É esse momento que traz à tona, por fim, o sujeito da “asserção sobre si mesmo”. É só nesse terceiro momento, em que se reúnem sincronia e diacronia, que a pergunta volta-se verdadeiramente para quem se coloca na figura de quem compreende, ‘seria eu preto realmente, ou não?’. Segue-se, então, a esse raciocínio, aquele da suposição junto a dois outros sujeitos indefinidos que não veem nenhum preto. É na pressa de apreender-se que o sujeito da asserção antecipada se extrai de todo o transitivismo especular dos momentos precedentes e se afirma como portador de um disco branco.

Notemos que a exposição de Lacan acerca de como o tempo se realiza tem por base um sofisma e não um conceito. Essa exposição tem por interesse propor o tempo como um fenômeno circunstancial, fruto de uma situação em que os envolvidos são personagens de caráter ficcional. Em outras palavras, o tempo, para Lacan, advém do modo como as cadeias narrativas situam os personagens que junto a elas perfazem seu ser. A concepção do tempo lógico contém a supo-

sição de que cada cadeia narrativa ‘co-ordena’ aqueles que a partir dessa cadeia se situam, e isso a despeito do modo como esses seres queiram se situar.

Lacan, ao buscar esclarecer o fenômeno do tempo a partir de cadeias narrativas, revela a necessidade de relativizar esse fenômeno em conformidade às narrativas a partir das quais este fenômeno pode se circunscrever. É nessa medida que o tempo, para Lacan, inclui a realização de três momentos: o momento do ver, o momento do compreender, e o momento do concluir. Além disso, a apresentação do conceito de tempo lógico tem como intuito fundamental apresentar o modo como se realiza a temporalidade em situação analítica.

### **O PROCESSO DE *NACHTRÄGLICH* OU *NACHTRÄGLICHKEIT* EM FREUD**

Freud formula a noção de *Nachträglich*, traduzida tanto por *a posteriori* quanto por *só-depois*, para explicitar como se dá a temporalidade no processo de anamnese. Na anamnese proposta por Freud, certas lembranças tidas como recalçadas devem vir à tona. Segundo essa concepção, o processo de cura envolveria lembranças de caráter sexual que foram esquecidas e que precisariam retornar via anamnese. Em “Linhas de progresso na terapia psicanalítica”, Freud define a “tarefa terapêutica como algo que consiste em duas coisas: tornar consciente o material recalçado e descobrir resistências” (1917-1918/1996, p.175).

Posição que o criador da psicanálise acirra ao final de sua vida, como indica a seguinte passagem de *Construções em análise* (FREUD, 1937/1996, p.271): “Isto que nós desejamos, é uma imagem fiel dos anos esquecidos pelo paciente, imagem completa em todas as suas partes essenciais”, acrescentando que, infelizmente, “nós frequentemente não alcançamos que o paciente se lembre do recalçado. Em contrapartida, se uma análise corretamente levou ao convencimento firme da verdade da construção (da lembrança recalçada), do ponto de vista terapêutico isto tem o mesmo efeito de uma lembrança reencontrada” (idem, p.284).

No sentido conferido por Freud, pois, memórias recalçadas são aquelas que foram esquecidas e que são passíveis ou de retornar ou de serem construídas no processo de análise. Essas lembranças teriam sido recalçadas por conterem algo de caráter sexual e de terem sido censuradas pelo falante. Ao vir à tona, elas poderiam libertar o paciente do jugo de uma memória recalçada que de outro modo afloraria como sintoma.

É preciso acentuar que segundo a maior parte dos especialistas na obra freudiana, há uma ambiguidade nessa obra. Isto porque não haveria como sabermos se as experiências relatadas como traumáticas e trazidas pela rememoração de fato ocorreram no passado ou se essas experiências são apenas criadas, como um delírio, durante o processo analítico. Isto porque a lembrança de um acontecimento que teria ocorrido na infância não viria à tona senão *a posteriori*. Isto é,

as lembranças ‘da infância’ passariam a existir em um momento posterior, por exemplo, através da experiência de anamnese.

Essas lembranças podem ser apenas uma criação do inconsciente; ainda assim, para Freud, seria parte do processo de análise abrir-se para a possibilidade de que a fala convoque o nascimento das memórias a despeito dessas dizerem respeito a algum acontecimento realizado ou não. Ao mesmo tempo, se não houver outra experiência convocando a memória recalcada, a memória do acontecimento infantil sequer adquiriria o caráter de existente.

O acontecimento do ‘*a posteriori*’ nos obriga a pensar a temporalidade em jogo na clínica psicanalítica como não linear e sim retroativa: somente a partir de uma segunda experiência é que as primeiras experiências, tidas como sexuais ou como traumáticas, viriam à tona. As primeiras experiências, não obstante, aparecem como se tivessem estado sempre “lá” no ‘passado’. Isto aconteceria porque no momento atualizante da recordação, o ‘eu’ seria instado a criar imagens fictícias. Em outras palavras, o analisando criaria o passado que, por contrastar com a experiência atual, provocaria a impressão de que sempre teria estado ‘lá’.

### **O *NACHTRÄGLICH* COMO FUTURO ANTERIOR**

Lacan se atém ao caráter ambíguo do processo de *Nachträglich* para dizer que já na obra freudiana está implícita a ideia de que *a priori* não existem lembranças inconscientes: é *a posteriori* que essas lembranças são criadas; sendo que essa criação se daria com base na maneira como o mundo simbólico vem se organizando; seja na fala em situação analítica seja em outras experiências, que, sendo capazes de convergir os ‘tendo sido’ realizam o “ente”:

“Podemos dizer, na linguagem heideggeriana, que uma e outra [a rememoração hipnótica e a vígil] constituem o sujeito como *gewesend*, isto é, como sendo aquele que assim foi. Mas na unidade interna dessa temporalização, o ente (*l’étant*) marca a convergência dos ‘tendo sido’. Isto é, que de outros encontros estando supostos a partir de qualquer desses momentos tendo sido, disso teria saído um outro ente que o faria ter sido completamente outro.” (LACAN, 1953/1966, p.255)

Se cada “unidade interna da temporalização” traz um modo diferente de o ser se manifestar, é porque essa manifestação encontra-se submetida à maneira pela qual o sujeito é simbolizado e passa a organizar-se com base nessa simbolização. Ao psicanalista francês coube observar que na clínica as lembranças vêm à tona de maneira errática, apenas como possibilidades de ser.

É a rememoração que imediatamente traz “os tendo sido” — *gewesend* — que realizam o “ente”, isto é, a “unidade interna” em que se constitui essa “tempo-

realização”. É o passado mesmo que vem a ser constituído junto ao relato onde o “ente” tem lugar. É o relato mesmo, nessa medida, que supõe os “tendo sido”, e isso em virtude de alguma necessidade passível de ser descoberta durante o processo de anamnese. Na teoria lacaniana, pois, esse processo dá-se da seguinte maneira: junto à anamnese a atenção não se vira em direção ao passado, mas são os acontecimentos mesmo que vêm a ser a partir da orientação que tiver lugar na fala. É o processo da fala, pois, que atua na criação dos ‘tendo sido’.

Para a teoria lacaniana, mesmo a emergência dos “tendo sido” surge como uma tentativa de lidar com o encontro com a morte. Pode-se dizer, inclusive, que os tendo sido funcionam como uma espécie de recriação do ser do analisando: ao convocar os tendo sido, objetiva-se trazê-los de modo a favorecer a recriação do próprio ser. Junto aos significantes trazidos, no entanto, os ‘tendo sido’, ao invés de colaborar com o desvelamento do desejo, podem se dar justamente como uma evitação do encontro com a morte. Cabe ao analista cuidar para que o real traumático não seja novamente evitado.

O movimento existencial de evitação desse real pode se fazer notar na fala em que certos significantes são esquecidos ou mesmo ‘providencialmente’ evitados. Abre-se, com a observação de que algo está sendo afastado, um espaço de jogo, em que a interpretação simbólica tem lugar. Por essa via, o porvir também é trazido como orientado por uma inscrição no “mundo simbólico”: a emergência desse mundo, seguindo essa mesma lógica, é destacada como implicando “sempre a criação de seu próprio passado” (LACAN, 1954-1955/1978, p.29):

“Quando alguma coisa vem ao dia, alguma coisa que nós somos forçados a admitir como novo, quando emerge outra ordem da estrutura, e bem! Isto cria sua própria perspectiva no passado, e nós dizemos — *Isto nunca não pode estar lá, isto existe desde toda eternidade*. Não é isto, além do mais, uma propriedade que nos mostra nossa experiência?” (Idem, p.13)

Se a emergência do mundo simbólico é capaz de criar passado é porque inclui escolhas que determinam retroativamente um passado em que um porvir também é antecipado (LACAN, 1955/1966, p.56). A cadeia simbólica revela a memória inconsciente do sujeito como fruto de uma “encarnação”, a cada vez ‘atual’, de uma autonomia significante. É por uma confrontação entre o homem e a máquina que Lacan ilustra a homogeneidade da estrutura simbólica: assim como é reversível a temporalidade de oscilação no mecanismo na máquina cibernética, o porvir no mundo simbólico não se distingue do passado — ambos surgem como efeito de um movimento existencial em que a emergência dos tendo sido não diz respeito à emergência de lembranças *stricto sensu* mas diz respeito, sobretudo,

a determinada maneira pela qual a ordenação simbólica cria retroativamente o passado (LACAN, 1954-1955/1987, em especial, o capítulo XV).

No momento em que se evita o encontro com o traumático, tanto o passado quanto o porvir surgem a partir dessa evitação, e seguindo as considerações do tempo lógico essa evitação pode se mostrar graças à situação analítica porque ambos, analista e analisando, a veem, a compreendem e podem concluir algo sobre ela.

Para que a verdade se realize, por sua vez, essa evitação deve dar lugar ao reconhecimento da manifestação do ser que tem lugar nos momentos de encontro com o real. Se esse real é também uma determinação que nasce da maneira pela qual o mundo simbólico vem se constituindo, é preciso a cada vez auscultar essa constituição e precisar que no encontro em questão, trata-se de colocar a verdade em jogo:

“Sejamos categóricos, não se trata, na anamnese psicanalítica, de realidade, mas de verdade, porque é efeito de uma *palavra plena* reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades que vêm a ser (...) (e isso) a partir do pouco de liberdade por onde o sujeito as faz presente.” (LACAN, 1953/1992, p.121)

Retomemos a questão: como a teoria lacaniana formula a ‘anamnese’?

Para Lacan, na anamnese há imediatamente a convergência dos tendo sido. Essa ordenação retroativa permite a assunção de um ‘passado’. O conceito de futuro anterior será fundamental no desdobramento dessa questão: “O que se realiza na minha história, não é o passado simples do que foi, pois não é mais, nem mesmo o passado composto do que tem sido no que eu sou, mas o futuro anterior do que eu teria sido para o que estou me tornando” (idem, p.164). No movimento do futuro anterior, interessa ‘aquilo que eu estou me tornando’. Somente essa realização é capaz de decidir por uma assunção plena das potências antes evitadas.

### **LACAN VERSUS FREUD**

Nesse ponto da questão acerca da temporalidade da situação analítica, é interessante colocar que uma das maiores dificuldades que os analisandos apresentam na clínica lacaniana reside em acessar as chamadas ‘lembranças encobridoras’. Essa aparente dificuldade dá a Lacan a oportunidade de pensar sobre a pertinência dessa modalidade de lembrança na experiência analítica.

Vimos como, segundo a teoria freudiana, ‘lembranças encobridoras’ são aquelas que o analisando se permite em substituição às recalçadas, que, por sua vez, seriam mais difíceis de serem rememoradas em fórum analítico; a hipótese



é de Freud, sendo que o esquecimento das lembranças recalçadas se daria em virtude de as situações a serem rememoradas pertencerem à ordem do traumático — e ‘traumático’ diz respeito a algo de caráter sexual.

Nos termos da ‘primeira tópica’, em que o aparelho psíquico aparece dividido em ‘inconsciente’, ‘consciente’ e ‘pré-consciente’, compreende-se que em meio à situação traumática haja uma grande descarga pulsional que permaneceria inacessível ao consciente, sendo afastada para o âmbito do inconsciente. Em se tratando da segunda tópica, que traz esse aparelho dividido em ‘eu’, ‘supereu’ e ‘isso’, supõe-se que nas situações traumáticas o “isso” impere, dificultando o trabalho do ‘supereu’ e tornando o ‘eu’ vulnerável, incapaz de lidar com a lembrança trazida ou com outra situação que reporte ao acontecimento traumático. Do mesmo modo como se realizaria um esquecimento em meio à situação traumática, outro esquecimento se daria sempre que se tentasse acessar essas situações por meio da rememoração. Seriam, pois, lembranças encobridoras aquelas que ‘encobririam’ a situação traumática, impedindo que o trauma se mostre plenamente (FREUD, 1917-1918/1996, p.175).

Se a teoria freudiana pressupõe como próprio ao trabalho analítico trazer as lembranças encobridoras para que a elaboração analítica tenha seu curso, Lacan decide assumir a dificuldade dos pacientes não como um problema, mas como um indício de que era o próprio trabalho analítico que estava se pautando por um equívoco basilar. Para o psicanalista francês, as situações traumáticas não dizem respeito a algo passível de ser situado no passado, mas se referem a desvelamentos que têm ocasião na fala. E exemplifica seu argumento com os sintomas histéricos e neuróticos da virada do século XX. Nessa época, os pacientes que sofriam com sintomas ‘histéricos’ ou ‘neuróticos’ foram caros à teoria freudiana não só pela grande quantidade desse tipo de diagnóstico, mas porque as pessoas diagnosticadas com esses sintomas frequentemente confessavam terem sofrido abuso de caráter sexual na infância.

Para Freud, pela grande quantidade dos relatos com tal teor, estes não podiam corresponder a uma experiência de fato sofrida na infância dessas pessoas. O raciocínio de Freud é bem simples: tantos abusos sexuais não poderiam ter acontecido na Viena do século XIX. Voltando um pouco na história: em 1897, na correspondência que mantém com Fliess, Freud afirma: “não confio mais na minha neurótica” (FREUD, 1886-1889/ 2006, carta 69). O criador da psicanálise, então, abandona a teoria da sedução e do trauma e introduz a tese do complexo de Édipo: “Descobri que os sintomas histéricos decorriam não de fatos reais, mas de fantasias. Só mais tarde me dei conta de que essa fantasia de sedução pelo pai era, na mulher, a expressão do complexo de Édipo” (idem). Os relatos eram inverídicos, mas não eram, todavia, de menor importância para o tratamento: através deles as pacientes apresentavam grande variação de sintomas: ao invés

de sofrerem de paralisias e de dores crônicas passavam a falar de situações de caráter sexual.

Lacan no “Discurso de Roma” repete o gesto do criador da psicanálise: não apenas os relatos das histéricas, mas todos aqueles trazidos à clínica passariam a dizer respeito não a uma situação de fato vivenciada no passado, e sim a uma variação sintomática ocasionada nos pacientes em situação analítica. Ao repetir o ato de desconfiar da veracidade dos relatos clínicos, Lacan é levado a ressaltar o aspecto do homem como um ser captado em cadeias significantes, o que faz com que a verdade na clínica seja uma verdade de “ficção” (LACAN, 1955/1966, p.17). Essa é uma verdade de palavra e não uma verdade de adequação — uma verdade que é para ser falada e que, a um só tempo, cria passado e determina futuro.

A fala em situação analítica deve servir a uma reordenação em cadeias significantes que seja capaz de causar um enfrentamento da agressividade, ou do que causa angústia, de modo a conduzir ao advento da palavra plena (LACAN, 1954-1955/1987, p.337). Se, por um lado, não importa o momento em que o paciente acredite realizar-se a situação sobre a qual vem à clínica se queixar, por outro, importa o modo como na fala o analisando se apreende via essas elaborações. Trata-se de notar que essas elaborações têm um denominador comum: elas dizem respeito a uma ordenação simbólica passível de ser auscultada como tal.

Essa observação levará Lacan à necessidade de repensar e evidenciar como a ordenação simbólica origina situações, de modo a poder relevar a lógica presente nessas situações e apontar como o tratamento analítico se realiza ao permitir uma lida com a verdade que, embora angustiante, é capaz de criar passado e determinar o porvir.

Para chegar à questão do tempo da palavra plena, devemos primeiramente abordar de que modo a fala em situação analítica tem oportunidade no âmbito de situações cuja ordenação simbólica é passível de ser auscultada. Lacan é levado a elaborar como os sintomas, tais como atos falhos, lapsos de memória e surtos psicóticos surgem em momentos de conflito entre o plano das ordenações simbólicas e as ‘fixações imaginárias’. No referido “Discurso de Roma”, diz, textualmente: o sintoma é “um meio de acordo entre os conflitos simbólicos e as fixações imaginárias” (LACAN, 1953/1966, p.279), cujo motor é o próprio desejo.

Para pensar essa questão, Lacan nos acena com a disponibilidade de pensar as realizações que têm lugar em uma análise. A ausculta analítica com frequência permite que as fixações imaginárias, ao serem colocadas na fala, realizem uma transmutação dos sintomas de modo que esses tenham aí já uma resolução.

Ao ser apreendida pela fala, a fixação imaginária recebe uma leitura de caráter simbólico e aquilo que servia ao advento do sintoma pode ser acolhido e transformado. Isso acontece porque a fixação imaginária também tem por base uma ordenação simbólica, mas no momento em que há essa fixação imaginária

não se torna possível uma leitura que nos permita enxergar tal fixação como estruturada simbolicamente. É no momento em que recebe uma leitura sobre o seu caráter simbólico que a fixação imaginária tende a ser desfeita. Além disso, Lacan considera que o advento da fala na técnica psicanalítica permite a apreensão da organização simbólica do ser que se dirige ao tratamento psicanalítico, de modo a permitir um trabalho de reversão dos conflitos imaginários, trazidos no âmbito das queixas, e de modo a causar o advento de certas palavras, as chamadas ‘plenas’, capazes, por sua vez, de orientar o porvir.

Por fim, se os pacientes em situação analítica não se recordam dos traumas sofridos na infância e mesmo assim vêm à clínica relatar seus sofrimentos, é porque essa fala atua no sentido de traduzir as situações tidas como de sofrimento ou de angústia em proveito da resolução de conflitos que tem por origem as fixações imaginárias. É, por sua vez, em função do silêncio do analista que essa fala também pode ser revertida em proveito do porvir. A questão da ordem temporal em jogo em uma análise se coloca, assim, nos seguintes termos: a verdade nascerá de um movimento de ‘ir-se ao passado’, ou a qualquer conflito que possa ser relatado como angustiante, em proveito do porvir.

A partir dessa dimensão temporal singular Lacan é levado a reverter o paradigma clássico da anamnese tal como proposto por Freud. Sua concepção de verdade, cuja ênfase se dá no porvir, possibilita o exercício de uma lógica semelhante à exposta pela analítica existencial de Martin Heidegger, segundo a qual o ser-á se realiza ao antecipar a própria morte e passa a poder apreender-se como uma totalidade que vai ao passado em direção ao porvir.

## CONCLUSÃO

A possibilidade de convergir o futuro a partir das potências antes evitadas no passado permite darmos relevo ao momento em que a verdade não é afastada. Os significantes nascidos dessa convergência serão capazes de levar ao advento de um ser tanto orientado pelos ‘tendo sido’ e quanto orientado para as realizações por meio das quais as potências do ser em análise têm lugar.

Se os ‘tendo sido’ variam conforme cada “unidade interna de temporalização”, isto é, conforme cada “ente”, cabe à análise perfazer aquele ente junto ao qual a morte enquanto realização simbólica possa ter lugar.

A necessidade da inclusão do filósofo Martin Heidegger nas reflexões lacanianas se dá justamente pelo viés de que faz parte do processo analítico permitir um enfrentamento da morte e de que nesse enfrentamento tem lugar uma temporalidade específica, capaz de lançar o analisando à sua própria destinação, ao provocar neste ente uma volta ao passado em direção ao porvir, concepção

essa também trazida à tona com maestria pelo pensador de *Ser e tempo* — em seu parágrafo 41.

Ademais, é lícita a consideração de que a disposição do pensador alemão de trazer a questão do tempo como fundamental reverbera em Lacan, de modo que o psicanalista se ateu a essa questão também em toda sua obra, haja vista o título do último Seminário, proferido em 1978-79, “A topologia e o tempo”.

Recebido em 3/9/2012. Aprovado em 18/1/2013.

## REFERÊNCIAS

- ECO, Humberto. (1968/2007) *A estrutura ausente. Introdução à pesquisa semiológica*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva.
- FREUD, S. (1996) *Obras completas de Sigmund Freud*. Direção geral da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago.
- (1917-1918) “Uma neurose infantil e outros trabalhos. Linhas de progresso na terapia psicanalítica”, v.XVII, p.19-151.
- (1937) “Construções em análise”, v.XXIII, p.255-270.
- GONDAR, Jô. (1995) *Os tempos de Freud*. Rio de Janeiro: Revinter.
- HEIDEGGER, M. (1986) *Ser e tempo*. Parte I e II. Trad. Márcia Cavalcante. Petrópolis (RJ): Vozes.
- LACAN, Jacques. (1966) in: *Écrits*. Paris: Seuil.
- (1953) “Fonction et Champ de la Parole et du langage”, p.237-322.
- (1955) “Le Séminaire sur ‘La lettre Volée’”, p.11-64.
- . (1953/1992) “Função e campo da palavra e da linguagem”, in: *Escritos*. Trad. Inês Oseki-Depré. 3 ed. São Paulo: Perspectiva.
- . (1953-54/1986) *Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud*. trad. Betty Milan, RJ: Zahar.
- . (1954-1955/1987) *O Seminário. Livro II. O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. Trad. Marie-Christine Laznik Penot. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- . (1956) *Intervention sur l'exposé de Claude Lévi-Strauss: «Sur les rapports entre la mythologie et le rituel» à la Société Française de Philosophie le 26 mai 1956*. in: *Bulletin de la Société française de philosophie*, v. XLVIII, p.113-119. Disponível em: <http://aejcpp.free.fr/lacan/1956-05-26.htm>. Acesso em 15/12/2015.
- PORGE, Erik. (1989/1998) *Psicanálise e tempo: O tempo lógico de Lacan*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- ZIZEK, Slavoj & GLYN, Daly. (2006) *Arriscar o impossível, conversas com Zizek*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins.

Fabíola Menezes de Araújo  
confabulando@yahoo.com.br